



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Paulina*, conto, por Eugenio de Castro;—*Joiás*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Um improvisador brasileiro*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A marcha fúnebre de Chopin*, por D. Guiomar Torrezão;—*A poesia da Sèrvia*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O poesia e a noiva*, versos, por João Penha;—*A ermida*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O padre Anderledy*;—*A espada de honra offerecida ao imperador Guilherme*;—*Caminhos de ferro de Lisboa a Cintra e Torres Vedras*;—*Paul Féval*;—*O Niagara* (*A ilha das Cabras*).

CHRONICA

Nasceu o Principe. Juro.

E, demasiadamente modesto para suppor que lhes venho dar com isto uma perfeita novidade, receio muito, entretanto, que exista ainda algum incredulo, á beira-mar plantado, capaz de pôr em duvida a sinceridade com que affirmo têr-se afinal produzido esse phenomeno, que a medicina, benza-a Deus, tinha previsto com antecedencia notavel.

Pois a verdade é que Sua Alteza Real, o Senhor Duque de Barcellos, deixou de sêr uma hypothese. Nasceu. Digo-o, com a affouteza de quem possui uma absoluta crença nos foguetes de tres respostas, a quem pro-



O PADRE ANDERLEDY

(NOVO GERAL DOS JESUITAS)

testo aqui o meu eterno reconhecimento, embora seja precisamente hoje o ultimo dia feriado.

O ultimo! E não vacilla a terra em presença de semelhante catastrophe! Nem uma syncope me prostra ao registrar esta palavra infame—o ultimo!

Se aqui estivesse, minha adoravel leitora, tu verias como eu agora estou mudado. Aquella inquieta alegria com que me viste pôr luminarias ao nascimento de Sua Alteza, que é feito d'ella, ó pomba, agora que n'uma dança macabra se agitam em torno de mim as estaturas sombrias dos sabios da Polytechnica, que, dentro d'alguns instantes, hão-de injectar-me no espirito verdadeiras catadupas de theorias fosseis? Como eu quizera, leitora, que tu aqui estivesse, apreciando emfim sinceramente como vae bem nas palpebras de um louco uma pequena lagrima deposta pelo bom senso da desgraça!

E a proposito, eu amo-te.

Aproveitemos porém o que me resta ainda de liberdade, para arrostar esta pagina que, a não ser hoje feriado, seria escripta, para bem de todos, por quem na Chronica passada aconselhava o Principe a penetrar na côrte ao collo da primavera, que estava a ponto de nos visitar. E Sua Alteza nasceu a 21 de março!

A' mesma hora, coincidencia notavel, cumpria-se o anniversario do sr. Ravara. A pequenina Alteza, no exercicio de uma vingança gentil, dir-se-hia que honrava d'aquelle modo o illustre clinico, propositadamente a demonstrar-lhe que só então nascia, não simplesmente pelo capricho futil de lhe ser desagradavel, mas porque, oito dias antes, havia leis que se oppunham.

E d'hoje em diante, para nós, como bem o disse Acacio Antunes n'uma delicada gazetilha, é dia de grande gala o primeiro da primavera. Ao tempo que pelos campos fóra hão-de irromper as boninas, preparar-se hão nos paços portuguezes as festas de um anniversario. E os cortezãos, passando junto do berço do Principe, poderão lançar-lhe em torno a primeira flôr dos seus jardins, a mais delicada, a mais galante, aquella que mais difficilmente possa accordar no espirito de Sua Alteza justificadas duvidas sobre o aperfeiçoamento da floricultura em Portugal.

Mas Deus permitta que nunca mais a primavera nos entre em casa, pingada como este anno entrou. Porque é extremamente incompativel, um dia de chuva, com a idéa que estamos habituados a fazer sobre esta phase, seguramente a mais poetica, do movimento terrestre. Que em noites de janeiro chova torrencialmente, é uma coisa que desagradará talvez muitissimo aos senhores gatos, mas que nos importa pouco, a nós, que só em circumstancias muito anormaes vamos fazer idyllio nos telhados. Que as noites de janeiro se transportem para as vizinhanças da *mi-carême*, é que prejudica todos os poemas, que ao tempo já não alludem senão a coisas enxutas.

Pois a primavera d'esta vez apresentou-se n'uma *toilette* inconvenientissima, de galochas. Não se entra assim na casa alheia, muito especialmente quando se traz no regaço um Principe de sangue.

Tanto mais que o Senhor Duque de Barcellos era credor, por muitos respeito, de todas as atenções da Natureza, se é que ha bom senso no Universo. Sua Alteza teve o supremo bom gosto de vir á luz com um arsinho de troça. Deixou esperar, esperar, e no fim de tudo conseguiu nascer inesperadamente.

Na imprensa (que fez uma tristissima figura, phantasiando o nascimento para todas as horas, uma vez por dia) ia lentamente esmorecendo a secção obrigada—*Principe da Beira*. E foi feliz, comtudo, que bem podia o

principe ter-lhe sahido princeza. A *reportage* indigena retrahia-se já quanto possivel. No estrangeiro havia duvidas.

Senão quando:

—O' menino, tu não sentiste foguetes?

Com que profunda saudade ha-de lembrar-me eternamente essa preciosa noite, esse appetite, esse momento supremo em que a minha alma de bohemio, horrivelmente angustiada pelas reacções do cobalto ao maçarico, adormeceu despreocupada sobre o tratado de Chancel que, diga-se a verdade, se não é positivamente o melhor dos travesseiros, é, sem a minima duvida, um excelente narcotico!

Dormir, sonhar! Sonhar comtigo, ó minha dôce amada, porque foi n'isso, e n'isso apenas, que eu empreguei as noites de remanso que o nascimento de Sua Alteza me rendeu.

Outro fosse eu, realmente, que recolhesse a deshoras, dando-me, em uso pleno dos meus direitos de cidadão, á estroinice rasgada de frequentar as tabernas, que, por disposição policial, tiveram licença, durante os feriados, de fornecer livremente os seus productos alcoolicos, um pouco alem da hora que prescreve a propria lei da pandega.

Uma disposição feliz, aquella! Tresanda a carrascão, é certo, mas encaminha a gente a concebêr quão longe vae o tempo em que a liberdade dos povos era constantemente coarctada pelo absolutismo dos tyrannos. Como hoje as coisas mudaram! A multidão, instigada pelos heroes de 1820, abriu os olhos. E agora bebe-lhe.

A auctoridade civil, que comprehende estas coisas, salta sobre uma pipa e exclama:

—Cidadãos! Mercê do acontecimento, ides gosar tres dias como não ha memoria. Associae-vos, porque sois livres, ao regosijo official. Haja bulicio nas tascas! Viva a camoeça!

Resta afinal investigar qual seja a classe da sociedade que tem a aproveitar n'estes favores da auctoridade. Não o são, quero crel-o, os estudantes, nem tão pouco os empregados publicos. Por tres motivos: primeiro, porque uns e outros teem vergonha; segundo e terceiro, porque nem uns nem outros teem dinheiro.

Em todo o caso, a policia teve de certo razões. Já me disseram que é costume; eu limito-me a pensar que é vinho.

A Avenida é que lucrou devéras com o movimento extraordinario d'estes ultimos dias.

O sr. Crowther aproveitou o ensejo para fazer *réclame* á sua pessoa, montando um velocipede altissimo, sobre o *betton* destinado aos transeuntes cá de baixo. Foi corrido.

Pouco depois, fez a Avenida o elegantissimo carro que estabelece a comunicação indispensavel entre o governo civil e a penitenciaria. Desconheço as razões que levaram aquella indecencia a fazer caminho por ali. Como equipagem, não envergonha as que lá costumam transitar.

O *phaeton* de José Sacavem, por exemplo, é de um gosto dez mil vezes mais delicado, e é mesmo conduzido com muito mais pericia. Verdade seja que, ao lado d'esse elegantissimo trem, não só o carro dos presos fica a perdêr de vista. Tambem os outros.

Resumindo, ás cinco e meia da tarde, é a Avenida o melhor local para viver. Ali, ao menos, vê-se. A' vista desarmada, mesmo, o que dispensa o uso de monoculo, que nem em todas as physionomias deixa de ser um destempero.

PAULINA

I

Seria um sonho? Não sei.

II

Conhecera a Paulina, não é verdade?

Era uma loirinha deliciosa, muito viva, muito petulante, com uns olhos verdes, muito verdes, excessivamente verdes...

Tinha uma historia encantadora cheia de muitas aventuras galantes: um arcebispo, por exemplo, tinha morrido d'amores, por ella; um principe veneziano dera cabo da fortuna por causa dos seus pequeninos caprichos; um poeta dinamarquez deitára-se a afogar quando ella o desilludiu; um pintor...

Oh! Era delicioso ouvir estas lindas historias contadas pela sua boquita vermelha e appetitosa como um morango bem sazornado.

Mas, vamos adiante.

Toda a gente sabe dos meus amores com Paulina. Encontrámo-nos um dia; ella não desgostou de mim e eu fiz-lhe uns versos que principiavam com esta quadra:

Desde que vi os teus olhos,
O' pomba languida e fria,
Perdi-me n'um mar d'abrolos
A estudar Astronomia ..

Cousa que muito me espantou, os versos produziram o effeito desejado; e d'ahi a alguns dias não havia dois namorados que mais se quizessem do que eu e Paulina.

De manhã davamos longos passeios nos arredores da cidade — ella com um grande chapeo de palha cheio de papoulas, — eu com uma jaqueta de flanela branca e uma enorme gravata de setim vermelho.

Corriamos por alli fóra cheios de contentamento e de alegria, com as mãos muito apertadas, muito juntinhas.

E, quando a noite vinha chegando, então recolhiamos á nossa casa, — um bello ninho cheio de porcellanas, de bijouterias e de flores, onde um canario acompanhava brilhantemente o hymno triumphal dos nossos beijos!

Então Paulina abria o seu magnifico Erard e deixava correr nas teclas de marfim os seus dedinhos brancos coroados de lindas unhas côr de rosa, cujo esmalte faria morrer d'inveja Sua Magestade a Imperatriz do Japão.

Ainda me lembro d'essas musicas, ainda!

Mas... continuemos.

Uma tarde, depois de quatro dias de ausencia, cheguei á porta da nossa casa e toquei no botão da campainha.

Ninguem me respondeu.

Tornei a bater, uma, duas e muitas vezes, e já me dispunha a arrombar a porta, quando reparei que estava aberta a janella do meu escriptorio. Dei um pulo e n'um momento achei-me dentro de casa.

—Paulina! Paulina! comecei a chamar.

Mas ninguem me respondeu.

Corri todas as casas... e nada!

Por fim entrei no nesso quarto. O coração batia-me com força. Affastei as cortinas do leito e dei com Paulina muito socega-dinha, muito branca.

—Paulina, minha querida Paulina!

Mas ella não me respondeu: estava morta.

Morta, sim!

Como isto foi, não sei.

III

No dia seguinte, quando voltei de acompanhar o enterro de Paulina, quiz entrar na minha triste casa, mas não tive coragem, francamente.

Resolvi nunca mais lá voltar.

Instalei-me, por isso, n'um hotel e, d'ahi por deante passava o meu tempo em frente do jazigo da minha pobre amada.

Era uma existencia horrivel!

IV

Passaram alguns annos.

V

Um dia passei casualmente em frente da casa dos meus antigos amores. Impellido por um desejo singular, abri a porta, e

subi rapidamente, a tres e tres, os degraus da escadaria atape-tada.

Comecei logo a sentir uma atmospha de abandono e de silencio, que me causava os mais horriveis soffrimentos.

Corri todas as casas, todas. E cada objecto que me cahia de-baixo dos olhos despertava em mim uma lembrança triste, uma recordação penosa.

D'esta maneira comecei a reconstruir todo o meu passado, e essa como que miragem da minha perdida felicidade enchia-me de uma tristeza profunda e esmagadora.

Por fim, enchendo-me de coragem, entrei no quarto da minha querida morta.

Todos os objectos occupavam ainda a mesma posição: exactamente a mesma.

Algumas flores dormiam debruçadas em finas jarras de por-cellana; no tapete alvejavam duas pequeninas sandalias que pareciam chorar os seus antigos hospedes, — os pés de Paulina; n'uma cadeira pendia desleixadamente um roupão de setim; e, terrivelmente negro, via-se, junto da parede, aquelle piano cujas suavissimas notas me tinham emballado tanta vez...

Approximei-me do leito. Os lenços, desarranjados, cheios de pregas, estavam ainda quentes! E—cousa singular!—julguei sentir o perfume do corpinho esbelto da minha pobre e desgraçada Paulina...

Oh! como tudo isto me torturava!

Mas, de subito, comecei a enfraquecer, os olhos foram-se-me fechando, a cabeça esfriou-me, de repente, e... desmaiei!

VI

D'ahi a alguns instantes, julguei sentir passos. Appliquei o ouvido e esse rumor foi-se approximando.

—Truz! Truz! Truz! bateram á porta.

—Quem é? perguntei eu cheio de susto.

—Sou eu, disse-me de fóra uma voz muito fraquinha, que se parecia extraordinariamente com a voz de Paulina.

Não ousei responder.

Mas entretanto, a porta abriu-se sem fazer barulho e eu vi apparecer um vulto adoravel, com as tranças loiras cabidas pelas costas abaixo e com a fronte leitosa e branca, muito branca, excessivamente branca...

Era Paulina!

Sim, sim, era ella, a minha bem amada, a minha querida morta!

Corri para ella e abracei-a muito commovido. E a desditosa Paulina dava-me uns grandes beijos voluptuosos, mas frios, muito frios, excessivamente frios...

—Somos muito infelizes, meu amor, disse-me ella com os olhos marejados de lagrimas; somos muito infelizes, meu querido amor.

Desatei a chorar.

E ella, no entanto, começou a contar-me os martyrios que passava no seu caixão mortuario.

—Olha, disse-me ella, os vermes fizeram-me isto... E mostrou-me uma grande ferida que lhe golpeava o peito e d'onde sahia um fiosinho de sangue luminoso e vermelho, muito vermelho, excessivamente vermelho...

Então puz-me a beber esse sangue feito de rubis. Era delicioso!

Ella envolveu-me com o seu olhar cheio de caricias, e, tomando-me pela mão, foi sentar-se ao piano, onde começou a tocar uma linda ballata melancholica.

Eu estava succumbido.

E o piano, ao contacto das suas mãos de gélo, vestia funebremente as suas notas tristes, muito tristes, excessivamente tristes...

VII

De repente abri os olhos e já a não vi.
Tinha desaparecido.

VIII

Seria um sonho? Não sei.

Lisboa, 25 de março de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

JOIAS

(A MARIO PINHEIRO CHAGAS)

Se um avaro encontrasse no seu caminho,
O' minha casta, ó minha eburnea flôr,
Uma gemma rarissima, engastada
Em artistica joia de valor,

E se visse baixar sobre a sua alma,
N'uma expressão de tímido receio
O teu olhar, de certo a abandonava,
Guardando o olhar no intimo do seio!

(Das Verbenas).

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

UM IMPROVISADOR BRAZILEIRO

II

O sr. Rozendo Moniz cita na verdade admiráveis improvisos de seu pae, que não reproduzimos porque não queremos fazer nos artigos uma transcrição da sua obra, mas tem rasão de collocar seu pae acima da maior parte dos improvisadores conhecidos, porque poucos o igualam e pouquíssimos o excedem n'essa especialidade.

Permitta-nos, porém, o sr. Rozendo Moniz que reparemos uma omissão que fez na lista dos grandes improvisadores conhecidos. Referindo-se, segundo a sua propria phrase, à insinuantissima França, cita Eugenio de Pradel, e esquece-se de citar o mais notavel de todos, o famoso Méry.

Sabem todos a anedocta da *Lucrecia* de Ponsard. Essa tentativa de reacção classica fôra muito mal acolhida pelos românticos então em plena ebriedade da victoria, e Méry, um dos mais entusiastas apaniguados de Victor Hugo, não hesitou em apostar que improvisaria um primeiro acto de uma tragedia classica, tendo o assumpto de *Lucrecia*. Assim, foi, impozeram-lhe certas obrigações, e elle improvisou effectivamente um primeiro acto, que o *Globo* publicou. A peça de Ponsard entretanto representava-se, e até com certo exito. Conta-se que Carlos Nodier, a quem perguntavam o que lhe parecia a peça, respondia:

—Menos mal! menos mal! mas que pena que o primeiro acto não seja o que saiu no *Globo*!

Foram essas qualidades de repentista que fizeram com que Méry e Barthélemy resolvessem publicar um jornal em verso, a *Nemesis*, que teve um exito enorme nos primeiros annos do regimen de Julho de 1830.

Contando, nas *Noites italianas*, a sua visita a Carolina Murat, a irmã de Napoleão, a viuva do rei de Napoles, falla Mery n'alguns dos seus admiráveis improvisos:

«N'essa noite, diz elle, emquanto se cantava, a sr.^a condessa de Lipona (era esse o nome que tomava no exilio a ex-rainha de Napoles) apresentou-me o seu album, pedindo-me versos. Depois de tão poetico dia e em presença d'essa mulher augusta, envergonhar-me-hia de adiar a inspiração para o dia seguinte. Abri o album, e escutando a cavatina da *Casta Diva*, escrevi a seguinte poesia em cima de uma meza da sala do concerto.

E logo insere a poesia, que se intitula *Les Exilés à Florenc*:

Mas o que é realmente extraordinaria é a outra poesia escripta n'essa mesma noite e em condições notaveis, que Mery refere do seguinte modo:

«Depois de ter lido estes versos á nobre exilada, pedi-lhe que tivesse a extrema bondade de me indicar ella propria o assumpto, o rhythmio e o titulo de outra composição que eu me apressaria a fazer immediatamente.

—Pois sim! disse-me ella com a sua graciosidade de rainha; tenho dois nomes de que me orgulho, sou irmã de Napoleão e mulher de Murat; fça uma ode sobre este assumpto: o titulo deve ser: *Bonaparte e Murat*.

Então escrevi a ode seguinte:

Não vamos transcrevel-a, mas sempre citaremos algumas estrophes realmente admiráveis:

.....
*Allez à Tombouctou, la ville fabuleuse
 Où le Niger étend son onde nébuleuse;
 Prononcez des grands noms, des noms grecs et romains:
 Aucun ne touchera le stupide sauvage;
 Demandez Bonaparte à l'écho du rivage:
 Le rivage baltra des mains.*

.....
*Un voyageur-cherchant de l'or pur en filières
 A vu sur le sommet des vastes Cordilières
 Ce nom universel qui fascina ses yeux;
 Bonaparte brillait sur le plus haut du site,
 Comme s'il sût laissé sa carte de visite
 A' la porte qui mène aux cieuz*

*Il un est encore en qui luira sur la France
 Et qui nous sera cher, ah! j'en ai l'espérance,
 Tant qu'un feu militaire animera nos fronts,
 Tant que la gloire sainte aura pour nous des charmes,
 Tant qu'une main française élèvera nos armes
 Pour nous venger de nos affronts*

*Roi des camps! un cheval elor était son trône
 Sa large épée un sceptre, un casque sa couronne,
 Les boulets du combat étaient ses ourtisans
 La mort eut pour lui seul des regards de ciémunce,
 Il livra sans lessure une bataille immense
 Une bataille de quinze ans,*

*Epouse du heroé, digne souer du grand homme
 De quelque titre saint que ma bouche vous nomme
 Une larme toujours viendra mouiller mes yeux.
 Soyez heureuse, vous! Que se chant vous console,
 Car vous brillez encor de la double aureole
 Des deux noms qui luisent aux cieuz.*

«Escrepta a poesia, accrescenta Mery, li-a á irmã de Napoleão, á viuva de Murat, e tive a felicidade de ver correrem lagrimas no seu nobre rosto; foi a unica vez que me dei por feliz de saber improvisar alguns versos. Um dia assim nunca mais torno a ter.»

Já vé o sr. Rozendo Moniz que se não pode esquecer um improvisador d'esta ordem, e note que, além das difficuldades habituaes da metrificacão franceza, Mery esmerou-se em empregar em grande parte rimas ricas, tanto assim que, compondo-se a poesia de dezeseite estrophes, e tendo por conjunto cincoenta e uma rimas, só dez é que não são rigorosamente ricas.

Mas voltemos ao improvisado brasileiro, e colhâmos no seu esplendido ramalhete alguma flôr que melhor sirva para encantar um leitor portuguez.

Quando Emilia das Neves estava no Brazil, encantando com o seu talento as platéas americanas, encontrou-se, em casa do consul portuguez Augusto Peixoto, com o grande improvisador. O assumpto era tão bom, e a musa de Moniz Barreto sempre tão prompta a aproveitar as inspirações que lhe appareciam, que d'esse encontro brotou logo um soneto, que não reproduzimos, porque é apenas uma das muitas pérolas, que deixava cair dos labios, como o principe dos contos de fadas, o improvisador Moniz Barreto, quando fallava em verso. Surprehendida com este admiravel engenho, enthusiasmada e lisongeadada pela amabilidade, pela promptidão, e pela belleza do soneto em que o repentista glosára o seguinte mote:

Teu sceptro o drama, teu diadema a gloria

Emilia das Neves levantou-se, e, correndo ao poeta, n'um d'aquelles impetos que eram o segredo do seu talento e do seu prestigio, deu-lhe um abraço e um beijo.

A linda Emilia, que o foi até á vespera de morrer, estava então, não diremos em toda a frescura, mas no pleno sazonal da sua belleza. Moniz Barreto saboreou esse beijo que lhe caia do céu, e logo em seguida, e a proposito do caso, improvisou as seguintes quadras, que são graciosissimas:

Como, sendo tu das Neves,
 Musa que vieste aqui,
 Assim queima o peito á gente
 Um beijo dado por ti?!

O que na face me dêste,
 Que accendeu-me o coração,
 Não foi osculo de neves,
 Foi um beijo de vulcão.

Neves tendo eu na cabeça,
 Do tempo pelos vaivens;
 Tu és só Neves no nome,
 Té nos labios fogo tens.

Beijando, não és—das Neves;
 Do sol, Emilia, tu és;
 Como neves se derretem
 Os corações a teus pés.

O meu, que neve já era,
 Ao toque do beijo teu.
 Todo arder senti na chamma
 Que da face lhe desceu.

Errou quem o sobrenome
 D. Neves te poz, actriz;
 Que és das lavas, não das neves.
 Minha alma, accessa, t'o diz.

Chamem-te embora das Neves,
 Vcsuvio te hei-de eu chamar,
 Emquanto a impressão do beijo,
 Que me dêste, conservar.

Oh! se de irmã esse beijo
 Produziu tamanho ardor;

Que incendio não promovêra,
Se fosse um beijo de amor!

Não te chames mais das Neves,
Mulher que abrazas assim,
Chama-te antes das luzes
E não te esqueças de mim.

Se me promettes, Emilia,
De hora em hora um beijo igual,
Por sobre neves ou fogo
Dou commigo em Portugal.

Não podemos apartar-nos ainda d'este gracioso improvisador, sem citar algumas d'aquellas glosas em que elle chistosamente virava de improvisado o sentido do mote. Assim uma vez disse-lhe uma senhora maliciosamente:

*Os votos que os homens fazem
São mais ligeiros que o vento*

E elle com igual malicia, respondeu-lhe logo:

Com elles na campã jazem,
Respirando ainda verdade,
Duram té na Eternidade
Os votos que os homens fazem.
Mas as mulheres que os trazem
Só no leve pensamento,
Os esquecem n'um momento;
E seus protestos de amar
São mais incertos que o mar,
São mais ligeiros que o vento.

Outro exemplo de inversão do sentido do mote, mas transformado em madrigal, é o seguinte. Uma gentil senhora, contando com a amabilidade do poeta, disse-lhe modestamente:

Molha esta flor, jardineiro,
Que está murcha como eu

E logo Moniz Barreto:

Da formosura o luzeiro
No seu jardim passeiando,
Disse, uma flor contemplando:
Molha esta flor, jardineiro.
Das Graças um mensageiro
Que, ao vê-la empallideceu,
«Esta não, prompto occorreu,
Que é viçosa imagem d'ella,
Jardineiro, molha aquella
Que está murcha como eu

Como Bocage, às vezes Moniz Barreto perdia a paciência, e, quando uma vez uma velha arrebicada lhe deitou, com ares muito delambidos, o seguinte mote:

Amor em dourada taça
Amargos venenos dá

Moniz Barreto não pôde deixar de replicar:

Disse-me certa carcassa,
Que inda se enfeita e namora,
Que bom nectar dá-lhe agora
Amor em dourada taça.
Isso é jacuba em cabaça,
Senhora, enganada está;
Isso é talvez vatapá
Que lhe dão as cosinheiras;
Amor a velhas gaiterias
Amargos venenos dá.

Não é tudo isto perfeitamente bocagiano?

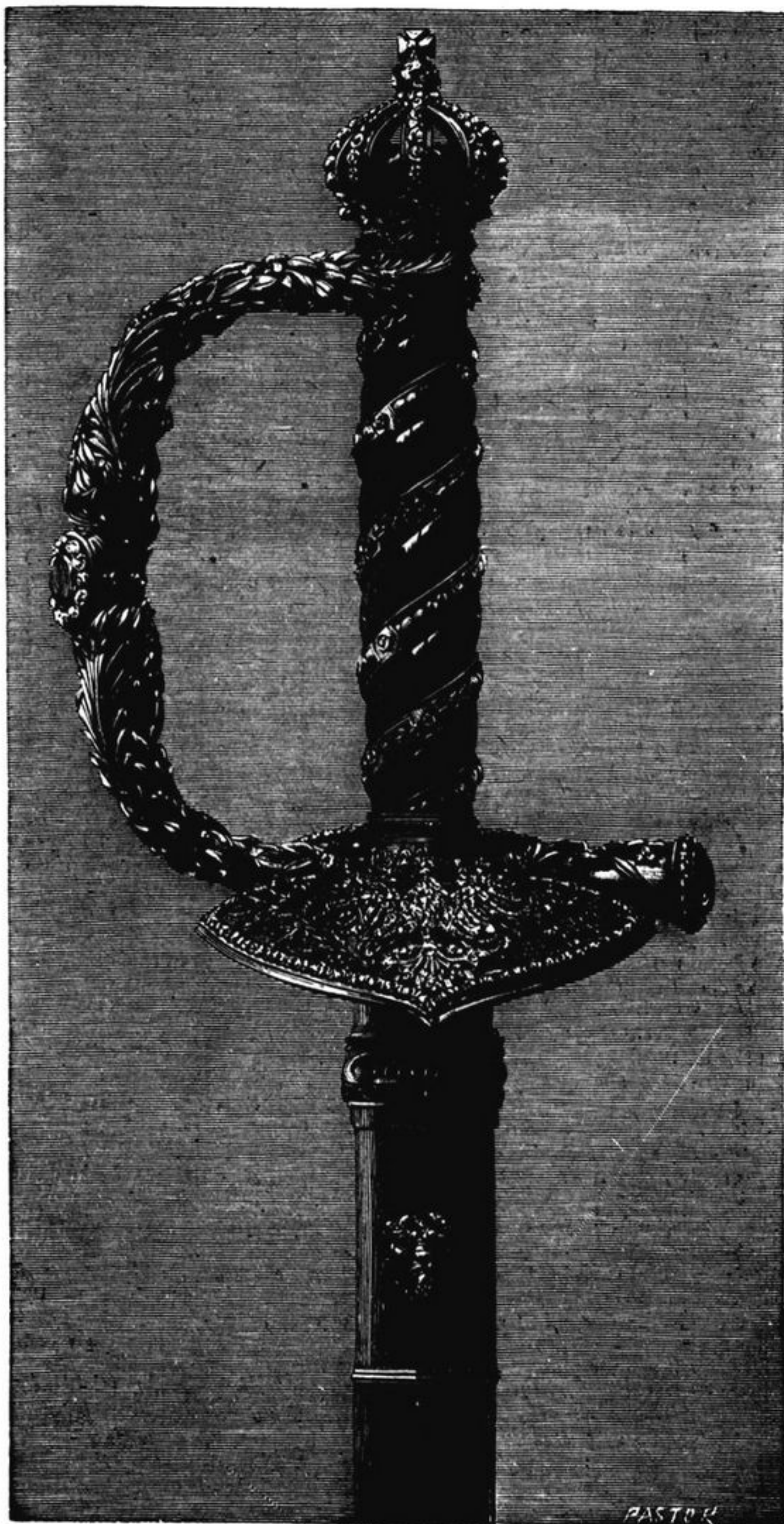
PINHEIRO CHAGAS.

A MARCHA FUNEBRE DE CHOPIN

Todos conhecem, mais ou menos, os accidentados e romanes-cos episodios da existencia d'essa mulher extraordinaria, que se

chamou na vida real madame Dudevant, que se chamou na vida ideal da arte George Sand.

E todavia, por muito que hajam executado sobre este thema uma infinidade de variações, todos os escriptores de todos os paises e em todos os idiomas, o assumpto não perde nunca o seu estranho encanto, onde, como em relação ás historias em que o amor espalha a plenas mãos as suas divinas flores inebriantes, vibra sempre a novidade do imprevisto e o profundo atractivo do mysterioso.



A ESPADA DE HONRA OFFERECIDA AO IMPERADOR GUILHERME

George Sand! não é verdade que este nome exerce em todas nós, mulheres, uma fascinação imperiosa?...

George Sand foi a grande perdularia do amor, do amor livre, condemnado pelos moralistas, fulminado do alto dos pulpitos pelos prégadores, execrado, da santa obscuridade dos seus lares impolutos, pelas esposas castas e pelos mar-dos modelos.

George Sand foi a Magdalena do seculo XIX, a genial peccadora aos pés da qual soluçou toda uma geração de poetas apaixonados.

Mas muito se perdoa a quem muito amou, e as culpas do amor encontrarão sempre aos nossos olhos atenuantes, sobre tudo quando a alma da mulher que não soube resistir-lhe, fôr illuminada pela chamma do talento, á magica eloquencia do qual nenhuma de nós saberá nunca permanecer insensivel.

Em um livrinho, que tem por titulo *Frederico Chopin, a sua vida e as suas obras*, madame Audley refere-nos algumas ignoradas paginas do melancolico idyllio de Chopin e George Sand.

Frederico Chopin viu pela primeira vez a seductora *Lelia*, em seguida a uma cruel decepção, causada por um grande amor mallogrado.

«Como os bellos sonhos da nossa vida se extinguem depressa!... exclama madame Audley.

Pouco tempo depois de ter chegado a Paris, Chopin soube que a sua noiva, mais vaidosa de que terna, preferia uma corôa de conde a uma auréola de artista!

Um dia em que chovera sem cessar, Chopin que não podia supportar a humidade, sentiu-se invadido por uma das suas crises de negra melancolia. A's dez horas da noite, occorreu-lhe de repente que era esse o dia em que a condessa C... costumava reunir nas suas salas um grupo de pessoas amaveis e espirituosas.

Ao subir a escada tapetada do palacio da condessa, afigurou-se a Chopin que ia seguido uma sombra que exhalava um subtil aroma de violetas. Um presentimento punziu-lhe a alma impressionavel, como que advertindo-o da eminencia de um perigo.

Chopin chegou a descer alguns degraus, no intuito de voltar para casa; mas rindo-se á conta da sua fraqueza supersticiosa, retrocedeu e entrou rapidamente na sala.

Depois de ter cumprimentado a condessa, foi occultar-se em um angulo da sala, mais disposto n'essa noite a escutar do que a conversar.

Quasi no fim do sarau, em seguida a terem-se retirado a maior parte das pessoas, ficando apenas os intimos, Chopin assentou se ao piano, e sentindo-se inspirado, improvisou o que elle chamava *pequenas historias musicas*.

O auditorio escutava-o, vibrando de anciosa commoção, emquanto o incomparavel artista, absorto nos seus pensamentos, engolfado nos sonhos que volteavam em torno da sua cabeça extatica, esquecia tudo que o rodeava.

Quando Chopin concluiu a sua estranha musica, sulcada de um fio de lagrimas, obscurecida de uma ligeira nuvem de melancolia, levantou a cabeça e viu, encostada ao piano, uma mulher singelamente vestida, que o fitava com os seus grandes olhos negros e ardentes, parecendo querer ler-lhe na alma.

Em quanto Chopin se sentia córar sob esse olhar fascinador, ella sorria-se.

Então, o célebre compositor afastou-se do piano e foi esconder-se por detraz de uma enorme roseira do Japão.

Ahí, soon-lhe aos ouvidos o rugido de um vestido de seda e tornou a aspirar o perfume das violetas.

A mesma senhora que o contemplára longamente, aproximou-se pelo braço de Liszt.

Com uma voz harmoniosa, e profunda dirigiu-lhe algumas palavras ácerca da musica, improvisada pelo pianista.

Chopin ouvia-a em silencio, commovido e lisonjeado.

Tal foi a primeira entrevista de Frederico Chopin e George Sand, entrevista que tinha de ser para elle a origem de intensas alegrias e de mortaes desgostos.

Que especie de mulher era essa que exhalava um aroma de violetas?

Eis como madame Audley a define no seu bello estudo, delicado e altivo:

«Mulher de genio, é certo; pintora eximia da natureza, que ella amava e que descreveo em livros incomparaveis; poeta cujas paginas coloridas exprimem o que o coração encerra de mais suave, e a paixão de mais allucinador; escriptora eloquente, dotada de um estylo nitido, firme e conciso, mas escriptora desigual, onde se nos deparam os mais bizarros contrastes, onde a phraseologia e a declamação romantica, seguem ou precedem capitulos inimitaveis! Intelligencia superior, mas desequilibrada, adoptando, proclamando e defendendo, successivamente, as idéas e os principios mais contradictorios; entregando-se a dissertações, ou antes, a divagações interminaveis; confundindo os sentimentos mais puros com as idéas menos sãs; declarando sagrado, o que a religião e a sociedade teem sempre repellido, como indigno; em resumo, uma mulher de genio, quebrando a taça, depois de a ter esgotado».

Que profunda divergencia entre essas duas almas, reunidas em uma subjugadora sympathia, por uma d'essas caprichosas fatalidades do acaso!...

Chopin era um coração muito mais affectuoso do que apaixonado, cujo ideal se resumia nos doces serenos jubilos de uma união abençoada, estranha ás lutas e aos dilaceramentos das ligações culpadas.

Durante os primeiros dias, Chopin eximiu-se á influencia d'esse astro fulgurante, cujas chammass deveriam consumi-lo.

Em vez de atracção Chopin experimentou como que uma vaga repulsão, pela formosa *Lelia*, á qual Musset arrojou este verso fulminador:

Malheur à toi, femme à l'œil sombre!

Chopin, referindo-se á *soirée* da condessa, escrevera á sua familia:

«Acabo de ser apresentado a uma grande celebridade, madame Dudevant, conhecida pelo nome de George Sand; a sua phisionomia não me é sympathica e não me agradou; ha n'ella o quer que seja que me afugenta.»

Pouco tempo depois, e a despeito da antipathia, a que tinba de succeder um amor delirante, começava para Chopin uma vida totalmente diversa. O eminente artista alterou todos os seus habitos, evitou o convívio social, e, ou por pudor ou por indiferença, afastou-se das casas que até então frequentava, limitando as suas relações a um restricto grupo de intimos, e residindo no verão em Nohant e no inverno em Paris.

Franz Listz desenhou, nas suas *Memorias*, o quadro, idealizado pelo pintor, de um dos saraus litterarios e artisticos de Chopin, realisado na casa da rua da Chaussée d'Antin.

E' de suppor que todos esses homens celebres, evocados pela penna do grande *virtuosi*, não se reunissem no mesmo dia e á mesma hora em torno do piano do moço compositor; mas nem por isso privarei os leitores da descripção, que é interessantissima.

Falla Listz:

«Não foi de certo sem difficuldade, que se obteve de Chopin que consentisse em abrir a sua porta e o seu piano aos amigos. O seu quarto, invadido quasi á traição, era apenas alumiado por algumas velas, collocadas aos lados de um d'esses pianos de Pleyel, preferidos por Chopin, em virtude da sua sonoridade argentina, um pouco velada, e do seu docil teclado. A esse teclado arrancava Chopin sons, que pareciam dever pertencer exclusivamente ás harmonias, de que a romanesca Allemanha conserva o monopolio, e que eram engenhosamente construidas com a fusão do crystal e da agua. Juntas, á roda do piano, na zona luminosa, agrupavam-se muitas cabeças illustres. Heine, o mais triste dos humoristas, escutava, com o interesse de um compatriota, as narrações que lhe fazia Chopin ácerca das mysteriosas regiões poetisadas pela sua fantasia, e cujos deliciosos ermos elle povoara de sonhos e chimeras. Heine e Chopin entendiam-se admiravelmente; o musico respondia com surprehendes descripções ás perguntas que o poeta lhe fazia sobre esses paizes desconhecidos. N'essa noite, Meyerbeer assentava-se ao lado de Heine.

«A distancia de alguns passos via-se Adolpho Nourrit, esse notavel artista, simultaneamente apaixonado e ascetico. Eugenio Delacroix permanecia silencioso e absorto ante as aparições que pairavam no ar, e das quaes julgavamos ouvir o fremito das azas...»

«Aquelle, entre todos, que parecia mais proximo do tumulto, o velho Niemcewicz, escutava os *Cantos Historicos*, traduzidos por Chopin.

«Separado de todos, sombrio e mudo, Mickiewicz desenhava o seu perfil immovel; Dante do Norte, dir-se-ia que elle achava amargo o sal do estrangeiro, e difficil de subir a sua escada.»

«Enterrada em um fauteuil, e encostada ao *console*, madame Sand escutava, curiosamente atraida e graciosamente subjugada.

«Ella espalhava sobre esse auditorio a reverberação do seu genio ardente, dotado da rara faculdade, apenas accessivel a um limitado numero de escolhidos, de descobrir o bello sob todas as fórmulas da arte e da natureza, faculdade correspondente á *dupla vista*, privilegio que todas as nações reconheceram pertencer exclusivamente ás mulheres inspiradas.

«Depois de termos nomeado aquella, cuja energica personalidade e fulgurante genio inspiraram á debil e delicada natureza de Chopin uma admiração, que o devorava, como um vinho demasiado capitoso quebra um frasco de fragil crystal, não faremos immergir outros nomes dos limbos do passado...»

(Continúa)

GUIOMAR TORREZÃO.

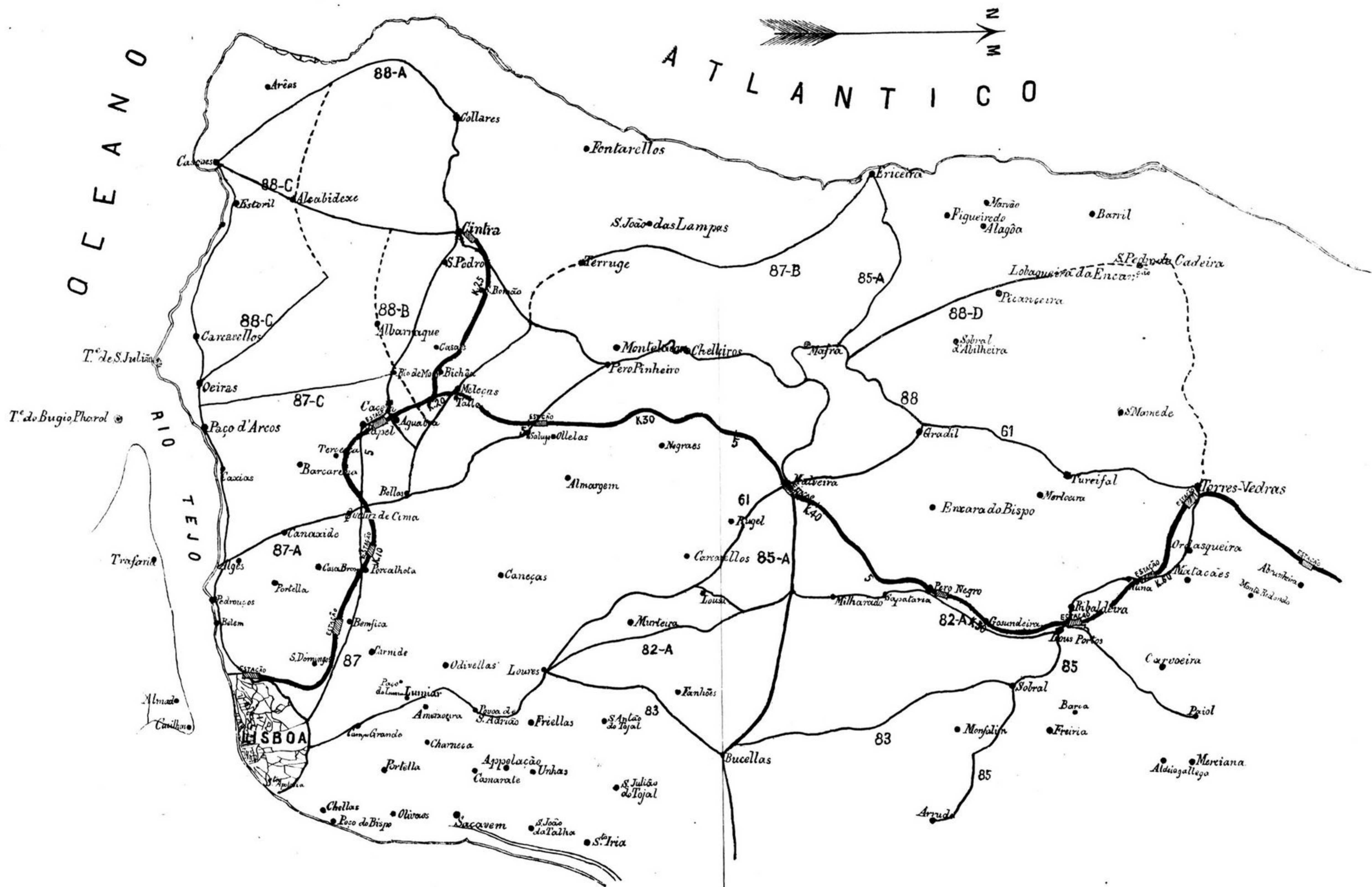
A POESIA DA SERVIA

(Continuado do numero anterior)

Esta canção deve ser interpretada n'um sentido mythico.

O veado, cujas pontas tornam a agua turva, é o inverno, o tempo brumoso. Gubernatis, fallando do veado mythico, diz-nos que ha o veado negro, que symbolisa o ceu coberto de nuvens, e o veado luminoso, que figura em muitas lendas da India. Ora n'esta canção sérvia, o olhar do veado, que torna as aguas claras e limpidas, deve ser considerado como o triumpho alcançado pela primavera sobre o inverno.

Reinach diz que as raparigas servias saudam no regresso da



CAMINHOS DE FERRO DE LISBOA A CINTRA E TORRES VEDRAS

primavera a volta dos tempos felizes para o amor, entoando canções notavelmente simples, taes como esta: «Dois amantes beijaram-se na campina, e julgavam que ninguem os teria visto. Mas a campina viu os, e contou tudo ao branco rebanho, que o repetiu ao pastor; o pastor disse-o ao viandante, o viandante ao marinho, que por sua vez o contou á barca. A barca foi dizel-o ao rio, e o rio á mãe da rapariga.» Os leitores da *Illustração* conhecem já a ideia fundamental d'esta canção encantadora, que se encontra tambem na Grecia, e que tem sido glosada por distinctos poetas, entre os quaes o allemão Chamisso.

No fim de abril realisa-se a festa de S. Jorge, um dos patronos da Servia. As mulheres vão ás montanhas colherervas a flores, que lançam depois ao rio, onde no dia seguinte se banham. É assim que os servios, como os outros povos slavos, celebram o advento da primavera.

Vem immediatamente a festa de Kralitza, em que as donzellas festejam Lelio, a Venus da Servia, a deusa do amor.

Segue-se o S. João, o tempo da canícula, em que, como diz a lenda, o sol parou outr'ora tres vezes. Se o tempo tem corrido secco, procede-se a uma cerimonia verdadeiramente original: uma rapariga, cujos vestidos consistem apenas n'uma ligeira tunica de folhas e flores, percorre, acompanhada por outras, os campos, que vae aspergindo com um regader, pedindo ao ceu uma chuva fecundante, invocando o sol e a lua: *Tako mi Sultzal* (o sol) *Tako mi Semlie* (a lua)! Que o sol seja comigo! Que a lua me proteja! Ligeiras corremos atravez da aldéa; possam as nuvens do ceu, mais rapidas do que nós, beneficiar os prados e as vinhas. *Tako mi Semlie.* Quando, pelo contrario, o tempo tem corrido chuvoso, os habitantes do campo imploram o auxilio de E'lio, que não é senão o sol.

As festas domesticas na Servia tem um caracter deliciosamente intimo. Os viajantes, os estranhos são sempre recebidos com amavel hospitalidade. O chefe da familia, quando o repasto se realisa, entõa a canção de Batschka: «Trez passaros desferiram vôo atravez do espaço, levando cada um no bico um presente precioso: o primeiro, um grão de trigo; o segundo, um bago de uva e o terceiro a alegria e a felicidade. O grão de trigo cahiu sobre a planicie de Batschka, o bago de uva sobre as montanhas de Gore; possam sobre a nossa mesa cair a alegria e a felicidade.»

Mas de todas as festas domesticas da Servia, o natal é a mais solemne.

Ao fim da tarde, terminado o trabalho, o pai de familia vai á floresta cortar um carvalho novo e, pondo-o ás costas, volta a casa. Quando entra, exclama.

«Boa noite, e feliz natal!»

E a familia responde: «Que Deus te proteja, e te dê boa colheita!» Depois, o carvalho (*badujak*) é posto no fogo. No dia seguinte, a gente moça percorre a povoação a cavallo, disparando tiros de pistola. E o pai de familia, apparecendo a janella, atira para a terra alguns grãos e sementes, dizendo: «Natal! Natal! Christo nasceu.» Ao que os moços respondem no estylo do Evangelho: «Em verdade nós vol-o dizemos, Christo nasceu.»

Então, todas as familias se juntam em torno do carvalho que arde, açoitando-o com correias; e quando as faiscas saltam, exclamam: «Tantas faiscas, quantos bois, cavallos, cabras, carneiros, porcos, abelhas e benções do ceu teremos este anno.»

A festa do natal dura tres dias. E até que entre o novo anno, toda a gente se sauda, dizendo: «Christo nasceu!» e respondendo: «Em verdade, nós vol-o dizemos, Christo nasceu!»

A universalidade das crenças populares é realmente um facto admiravel!

Assim como os servios tem o *badujak*, temos nós, nas planicies do norte, e citaremos para exemplo o concelho da Maia, arbalde do Porto, o carvalho do natal, que tambem se põe no fogo e que no fim da noite se guarda para tornar a accender-se em occasião de tempestade.

A Servia é decididamente o paiz das canções. Todos os seus habitantes cantam. Em cada casa ha uma *guzla*, especie de mandolim ou guitarra, que tem apenas uma corda de crina. Não ha festa sem canção e sem *guzla*. A Europa occidental conhece de varias imitações ou traducções muitas das poesias populares da Servia. Prosper Mérimée, tendo aprendido cinco ou seis palavras de slavo, compoz em quinze dias um pequeno romanceiro, que attribuiu a um imaginario tocador de *guzla*, Jacintho Maglanovitch.

Na poesia servia relevam a riqueza das imagens, a ingenuidade dos sentimentos, o ardor do patriotismo. A estrophe, sempre melodiosa, é geralmente curta; e o acompanhamento da *guzla* apenas a toma nos ultimos versos. Os cantos nacionaes são compostos em trocheus; as canções de amor admittem os dactylos.

No estudo da poesia servia ha a distinguir os *pesmas* heroicos que os homens acompanham na *guzla*, e as canções do lar, que as mulheres e as raparigas entoam.

Foi só muito tarde que os servios começaram a escrever os seus *pesmas*. Em conformidade com a theoria de Vico, a poesia, entre elles, precedeu a prosa, que só foi definitivamente fixada por Obradwitch, depois da primeira metade do seculo passado.

Os slavos do sul só modernamente attingiram na litteratura a forma dramatica. Annibal Lusitch foi quem primeiro escreveu para o theatro, começando elle e os seus imitadores por segui-

rem o rastro dos poetas italianos, Metastasio, Alfieri, Guarini. Foi Estevão Popovitch quem comprehendeu que os assumptos nacionaes convinham ao theatro. Entre as suas producções merece especial menção a comedia *Belgrado na antiguidade e em nossos dias*, que teve um grande successo nos theatros provisórios levantados em Agram e Belgrado. Popovitch foi pois o Eschylo da Servia; Martinho Ban, auctor dos dramas *Lazaro* e *Meirima*, pôde ser considerado o Sophocles servio. A *Meirima* tem por assumpto o amor de um christão por uma musulmana, assumpto que, posto fosse tratado por Voltaire e Byron, offerece comtudo um certo encanto de execução.

Entre as creações phantasticas da poesia popular da Servia devem contar-se as *vilas*, a que chamamos *feiticeiras*, á falta de melhor vocabulo, mas que são creaturas mysticas, que presidem aos votos do povo e que pairam silenciosamente sobre a existencia dos homens. São ligeiras e bellas, diz Reinach; o vento brinca, passando, com os seus longos cabellos. Habitam sobre as collinas, perto dos regatos, sobre o Lotchen, cujo cimo, onde a tempestade ruge incessantemente, é coberto de neves eternas.

Mas se as *vilas* são os genios bemfazejos da Servia, existem, em opposição a ellas, espiritos maleficos, que trabalham pela perdição do genero humano. São os *vietchizés* que, fluctuando nos ares, surpreendem os pastores adormecidos, abrem-lhes o peito com uma vara magica, fixam o dia da sua morte, comem-lhes o coração, fecham de novo o peito dos pastores, e desaparecem.

Quando elles acordam, sentem-se abatidos, doentes. E pouco depois expiram.

Mas uma das creações mysticas que mais impressionam a imaginação slava é o *vampiro*, que se alimenta da carne dos cadaveres e do sangue dos vivos.

Entre os typos dos *pesmas* heroicos, o mais notavel é Marko, o Cid e Roland da Servia.

Mas, percorrendo o cancionero servio, são as canções de amor as que mais nos encantam. Terminaremos este ligeiro artigo com uma canção amorosa, que rompe dos labios de uma rapariga: «O' *tchardak* (leito), um fogo abrazador me devora: ninguem, durante a noite, está á minha direita ou á minha esquerda; revolve com o meu corpo a coberta, e com a coberta as minhas dores.» E o namorado responde-lhe: O' Mileva, assenta-te a meu lado. Nós não somos selvagens, nós sabemos onde se deve beijar: as viuvas entre os olhos, as solteiras entre os peitos.»

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PADRE ANDERLEDY

(*Novo geral dos jesuitas*)

Démos no nosso ultimo numero o retrato do fallecido geral dos jesuitas, padre Beckx. Damos hoje o do seu successor, padre Anderledy.

Anderledy é de origem suissa, e exercia desde ha quatro annos, junto de Pedro Beckx, as funcções de vigario geral da Ordem. E' muito intelligente e dotado d'uma illustração não vulgar.

O novo geral dos jesuitas é o 23.º que tem tipo a Ordem desde a sua fundação.

A ESPADA DE HONRA OFFERECIDA AO IMPERADOR GUILHERME

Damos hoje, reproduzida em gravura, a espada de honra que Sua Magestade El-Rei, o sr. D. Luiz, offereceu ao imperador da Allemanha. E' uma obra d'arte preciosissima, que honra sobremaneira a industria portugueza, nomeadamente os dois artistas Germano de Oliveira Boal, chefe de uma das officinas do Arsenal do Exercito, e Amaral, gravador da casa Leitão & Irmão.

Os copos da espada são formados por um feixe de loiro e palmas, applicado como se tivesse sido colhido e naturalmente enrolado, apertado por uma passadeira, que é sustentada por um rubi, circumdado de preciosos brilhantes. Na extremidade da passadeira vê-se uma notavel saphira, cercada egualmente de brilhantes.

As bagas de loiro são formadas por brilhantes.

Enroscando-se os loiros e as palmas em redor do punho, formam uma especie de almofada, em que assenta a corôa imperial feita de ouro e platina, tendo incrustados oitenta e quatro brilhantes de finissima pureza e qualidade.

Dentro da corôa vê-se o barrete, e com tal perfeição é esmaltado, que parece seda.

O punho da espada é de tartaruga, em fórma de columna, mas de tão fina e bella qualidade, que mais parece esmalte. Duas fitas de desenho differente (trabalho de applicação e não cinzela-

mento) rodeiam a columna: uma d'ellas é incrustada de brilhantes e a outra de rubis.

Na parte superior e saliente da guarda ficam as armas da Allemanha, representadas por uma aguia real, empolgando n'uma das garras o sceptro, e sustentando na outra o globo terrestre.

A guarda é feita de platina, toda cravada, com cerca de duzentos brilhantes. A aguia está rodeada por dois laureis compostos de setenta e quatro esmeraldas, lapidadas de proposito, coisa rarissima em obras de joalheria, o que lhes augmenta o valor.

A parte inferior da guarda é formada por uma concha em arabescos terminados por preciosos rubis.

A bainha é de polimento. No bocal tem a fôrma de capitel, guarnecido de rubis, e tendo como botão a cabeça de um leão, que aperta entre os dentes um enorme brilhante. Os olhos do leão são tambem das mesmas pedras, posto que mais pequenas.

A ponteira da bainha, toda cinzelada, tem um dragão circumdado de caprichosos ornatos.

A lamina tem, de um lado, a legenda: *D. Luiz I, rei de Portugal*, e do outro: *Fabrica d'armas, Lisboa, 1887*.

Sóbe a 600 grammas o oiro empregado n'esta obra, e a mais de 500 o numero de pedras, todas ellas das mais finas e de melhor quilate.

As modificações geraes d'este bello trabalho foram fornecidas por el-rei D. Luiz.

CAMINHOS DE FERRO DE LISBOA A CINTRA E TORRES NOVAS

Não é tão vulgar no nosso paiz a abertura de novas vias de locomoção accelerada, d'esses poderosos agentes do progresso, que transferem as villas em cidades e os modestos logares em povoadas villas, que valorizam os productos abrindo-lhes novos mercados, e favorecendo a translação de pessoas e mercadorias, pue espalham por toda a parte onde passam os beneficos resultados do alargamento da esphera da vida, estacionaria até então; não é tão repetido, diziamos, este facto, para que deixemos de nos encher de legitimo entusiasmo, pela proxima abertura á exploração de uma nova linha que, na sua pequena extensão, vae unir a capital a dois dos mais importantes pontos da sua provincia—a bella Cintra, a mansão deliciosa, jardim de fadas engastado em rochedos, que faz a admiração de quantos a visitam, e a zona de Torres Vedras, solo feracissimo e população laboriosa, que abastece os mercados com o producto dos seus campos ferreiros e largamente productores.

Foi o ministerio regenerador, que em 1881 regia os destinos do nosso paiz, a quem coube a honrosa missão de adjudicar a uma firma particular a construcção d'esta linha.

O contracto de 7 de maio de 1881, sancionado por decreto de 2 de maio de 1882, concedeu esta linha, sem subvenção, garantia de juro ou outro auxilio, senão os de izenção de direitos na entrada de materiaes e a concessão gratuita dos terrenos do estado que fossem necessarios para a construcção.

Pouco tempo depois começavam os estudos, e approvados estes, não se fez esperar a construcção da linha que hoje recebe o acabamento dos ultimos detalhes, para em breve ser aberta ao publico, que insistentemente reclama o começo da sua exploração.

A nova linha é, como se sabe, de via larga, e faz parte da rede geral do paiz, destinada, como é, a ser a vanguarda da futura linha da Figueira e Alfarelos, que n'este ponto deve unir-se á do norte.

A sua extensão total é de 75 kilometros, sendo 28 na linha de Lisboa a Cintra, e 47 na do Cacem a Torres Vedras, comprehendendo 11 estações e 3 apeadeiros.

Tem importantes obras de arte, sendo a principal o grande tunnel de Alcantara, que foi necessario construir por não offerecerem estabilidade os terrenos marginaes da ribeira d'Alcantara, por onde os primeiros estudos dirigiram o traçado.

Além d'este, ha mais 6 de menor importancia, mas alguns de difficil construcção.

Os viaductos e pontões são tambem em grande numero, todos de ferro, construidos pela casa Eiffel, que se tem acreditado em todo o mundo pela perfeição e solidez dos seus trabalhos, e que n'esta linha provou mais uma vez o grande apuro e completa execução de tudo quanto sae das suas officinas.

A linha parte de Alcantara, junto ás velhas e anachronicas portas da cidade, no local em que tomava a sua maior largura o infecto caneiro que vae ao Tejo desaguar as suas pestilencias.

Para construir a estação foi necessario cobrir este caneiro em extensão de mais de 240 metros, mudando-lhe tambem em grande parte o curso das aguas, o que redundou em um melhoramento de muita utilidade para aquelles sitios, por lhes evitar as emanações desagradaveis do canal, justamente no local em que a agglomeração da população mais soffria com aquella visinhança.

A linha de Lisboa a Cintra e Torres é de grandissima importancia sob o ponto de vista commercial. Além d'isso, poucas linhas ha no paiz em que a viagem se torne tão agradável, pela variedade dos seus panoramas, e pittorescas perspectivas que a

um e outro lado se desenvolvem aos olhos, como em breves dias o leitor poderá apreciar, porque a abertura á exploração parece que deve realizar-se no começo dias de abril proximo, para Cintra, e pouco depois para Torres.

O mappa que hoje damos apresenta o traçado completo da nova linha, em que se encontram, seguidamente, na via de Cintra, as obras seguintes: estação d'Alcantara; tunnel d'Alcantara, a 500 metros do eixo d'aquella, e com a extensão de 540 metros; viaducto da Ponte Nova; tunnel da Ponte Nova; apeadeiro de S. Domingos; estação de Bemfica; estação da Porcalhota; apeadeiro de Queluz e Bellas; estação de Cacem; tunnel de Cintra, com a extensão de 90 metros, e estação de Cintra.

Na linha de Torres, partindo da Cacem para aquella villa, a primeira paragem é no apeadeiro de Meleças, onde se estabelece a communicação para a quinta regional da Granja. Depois, atravessa-se a estrada de Bellas á Ericeira, e encontra-se a estação do Sabugo; a estação da Malveira, o tunnel do Alto da Guia, que mede 325 metros; a estação de Pero Negro, a 3 kilometros d'aquella; a estação dos Dois Portos; a estação de Runa; os tunneis da Boiaca, (165 metros) do Cabaço (75 metros) e de Torres (150 metros), e, finalmente, a estação de Torres, junto da villa.

PAUL FÉVAL

A vida do eminente romancista francez, que acaba de desaparecer, foi tantas vezes descripta, é tão conhecida de todas, que nos parece desnecessario traçar hoje aqui a sua biographia. Ninguém ignora que Paul Féval era oriundo d'uma honrada familia da Bretanha, e que o arrastou para a carreira litteraria uma vocação irresistivel.

Paul Féval falleceu no recolhimento dos Irmãos de S. João de Deus, onde residia ha muito tempo. Os seus amigos encontravam-n'o muitas vezes a rezar na capella, ajoelhado ao lado dos outros pensionistas.

Nos ultimos tempos, a paralyisia a que succumbiu embargava-lhe sensivelmente a voz; e Féval, recordando as suas passadas desventuras, dizia resignadamente:

—Estão longe as minhas desgraças! Já esqueci tudo.

Queixava-se de Paris, que o tinha empobrecido, privando-o de deixar alguma coisa aos filhos; mas enganava-se, porque Féval, além de quatro pensões que recebia da sociedade dos homens de letras, da sociedade dos auctores dramaticos, do Estado, etc., etc., possuia ainda uma fortuna de quinze contos de réis, e o rendimento avultado das suas peças e dos seus romances.

Verdade é, que essa fortuna não se podia comparar ao que tinha possuido.

Féval chegára a economisar noventa contos de réis, e a ter o rendimento annual de quinze contos, que as suas obras produziam.

Todo esse capital foi devorado pelo Banco Ottomano; e reconstituída a fortuna, Féval perdeu-a n'uma empreza industrial.

Ninguém trabalhara como elle. Desde as sete horas da manhã até ao meio dia, estava no seu escriptorio, a escrever, sem receber ninguem. Ao meio dia, almoçava. Da 1 hora até ás 2 recebia as visitas.

Em seguida, saia de casa e ia fazer as suas observações na grande cidade, percorria as livrarias, conversava com os amigos, etc., etc. A's 6 horas jantava. Desde as 7 até á meia noite, trabalhava ainda com os seus collaboradores ou revia provas.

Nunca ia a um café. Nunca ia ao theatro. Nunca ia á sociedade.

Desde 1872 a 77 a filha mais velha era a sua companheira inseparavel. Era ella quem lhe preparava a penna com que tinha de escrever, e lhe collocava junto da poltrona os grossos tamancos comprados na Bretanha, e nos quaes Féval mettia os pés para fazer descer o sangue que lhe fervia na cabeça. Era ella quem, á noite, collocava em volta do candieiro um longo veu verde, para proteger os seus olhos da intensidade viva da luz.

Essa menina, passado tempo, fez-se religiosa.

Como tivesse sido muito orgulhoso dos seus rendimentos litterarios, quando mais tarde refundiu as suas obras, extraindo d'ellas tudo o que havia de escandaloso, e tirando d'essas edições um excellentes resultado, dizia Paulo Féval:

—E' uma recompensa de Deus, que determina que as boas acções sejam para mim proveitosas.

Indo visitar um amigo doente, mostrou-lhe um crucifixo que levava no bolso, e disse-lhe com uma voz de sacerdote:

—Jesus soffreu ainda mais!

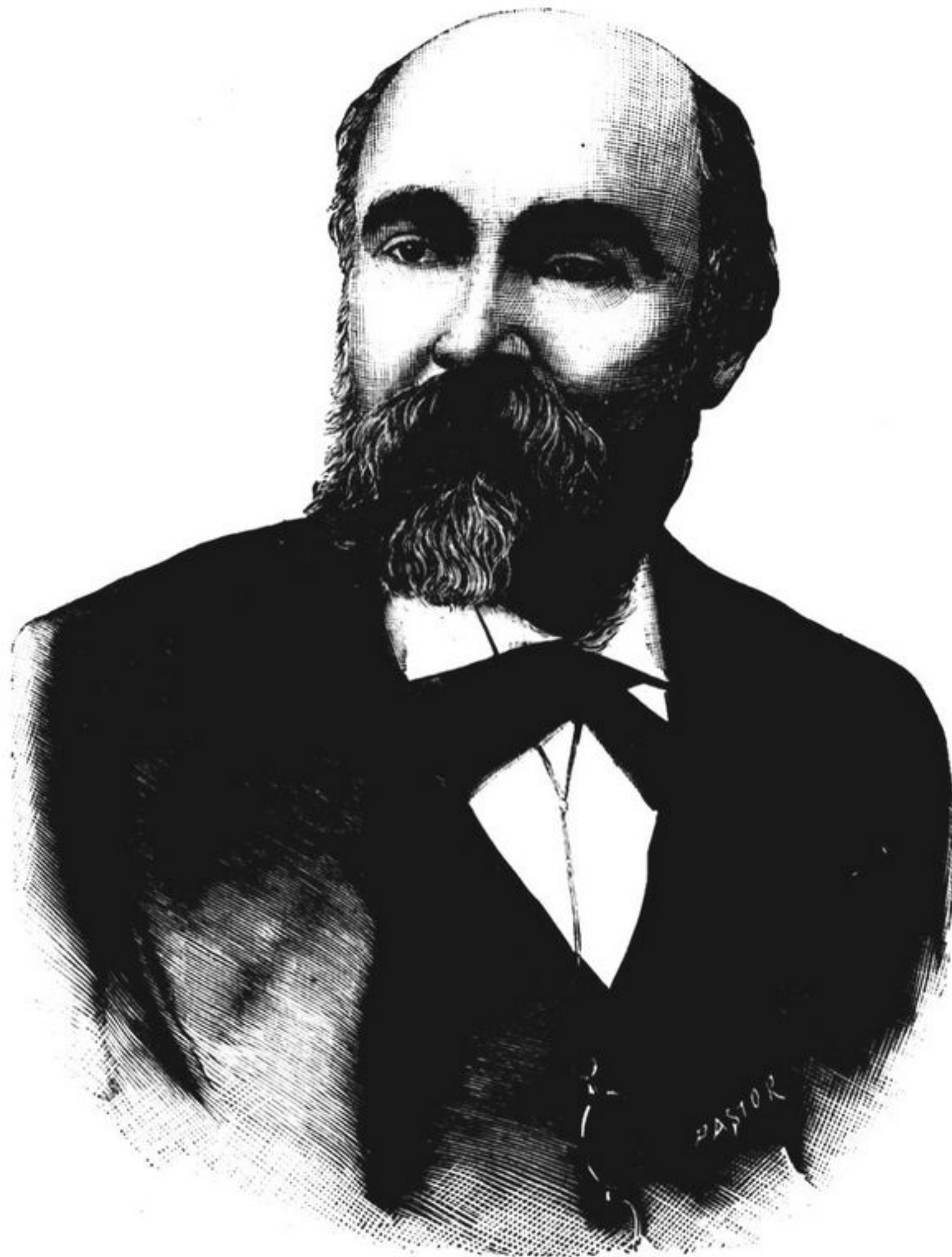
Quando ultimamente subia a ladeira ingreme do recolhimento em que habitava, dizia:

—E' menos penosa que o caminho das Oliveiras!

O NIAGARA

A ilha das Cabras

A ilha das Cabras, no Niagara, é uma immensa penedia cor-



PAUL FÉVAL

tada a pique, d'onde descem massas de estalactites, que cahem como prégas de mantos até ao fundo do abysmo, agglomerando-se em excrescencias monstruosas ou abrindo-se em crateras profundas. A vegetação da ilha desaparece completamente sob esta manta de gelo.

A formosa ilha divide em dois braços de differente aspecto o rio S. Lourenço e está ligada ao continente americano por uma ponte onde circulam carruagens. Veem-se ali avenidas ladeadas d'arvoredó, e pequenos caminhos encantadores, que apresentam, no inverno, um aspecto verdadeiramente phantastico.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

E' alegre, mas agreste, este homem—1—2.
Este peso, na botica, instrue—2—2.
Vi n'um livro, que este membro, é um fructo—1—1.
O adverbio, é adverbio, este adverbio—1—2.

Faro.

CAROLINA.

Na cosinha do pescador em casa—1—2.
Aqui, este homem é tolo—1—2.
Precisamos d'esta Provincia para o rei—1—2.
Na aula da musica tem vogal esta rua—1—1—1.
Este homem, tendo musica, é generoso para comer—1—1—1.

C. A. DA SILVA & C.^a

CHARADA CONIMBRICENSE

A primeira horisontal
N'esta charada ha de haver,
A qual parece um legume
Que deverá conhecer.

Na segunda horisontal
Ha uma cousa a notar,
O peixe da armação
Vae para este logar.

Ainda n'esta charada
Uma vertical deve haver.
E' com certeza a primeira
O que o leitor deve ter.

E' segunda vertical
N'esta charada a mais justa;
E' um verbo que define
O leitor a fazer busca.

A primeira diagonal
Ha de o leitor encontrar,
Indicando certo termo
D'astronomia, vulgar.

P'ra acabar esta charada,
Na segunda diagonal
Deve o leitor encontrar
Com certeza um animal.

A. A. PINTO.

Logogriphos

(Por letras)

Sendo divindade,—4—3—7—4—8—2
Tambem é verdade—1—5—3—4—2
Que aldeia ha de dar,—1—5—7—3—8
Brinco póde achar,—4—5—4—5—7—8
E n'esta cidade—4—8—4—4—8
Rio ha de encontrar—6—5—6—5—3—5.

Póde o leitor crer
Que o todo ha de ter
Quem fôr educado;
—Já 'stá decifrado?

Nada ousou dizer
Chutti! estou calado.

MATHEUS JUNIOR.

Premio: O Almanach dos pontos nos 11, a quem primeiro enviar a solução a Antonio de Sousa Franco

Muito longe, bem distante—3—4—1—8
Pensando sómente em ti,—4—3—7—5—7—2
Vi-te formosa, galante.—1—4—1—7—6—7—2
Sem gosar do teu semblante,—8—3—4—5—7—8
Suspirando, adormeci!—1—2—3—8

.....
Semelhante á flôr que cresce,
Reverdecente e formosa,
Por terra cahe, desfallece,
Quando se ostenta viçosa!

Santa Comba Dão.

BOCCACIO.

Enigma (salto de cavallo)

				vi	de				
				ma	se				
		ces	du	cor	da	gran	da		
		se	u	ne	ri	ves	se		
ri	si	rar,	o	sem	sa	de	ou	si	não
cla	mor	a	da	cu	O (1)	o	hou	de	vir
		de	a	de	per	o	e		
		de	o	cio.	re	Pa	o		
				der.	de				
				cei	la				

Porto.

M. M. & M.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Marfado—Caria—Camarão—Dó-dó—Talagarça—Grillo—Guarda-lama.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Soldado—Laverca.
DO LOGOGRIPO:—Antonio Rodrigues Brancal.

A RIR

Uma encantadora dama escorregou quando valsava, e caiu por modo que deixou ver... cousas realmente admiraveis. Levanta-se promptamente, e diz ao sujeito que lhe fazia par:
—Observou a minha agilidade?
—Ah! replicou o interrogado, sem pestanejar; não sabia que isso tivesse esse nome!

O sr. X. é muito conhecido pelos negocios fraudulentos em que tem entrado. Quasi toda a gente cortou com elle as relações. Entretanto, o sr. Z., encontrando-o, aperta-lhe a mão. X mostra-se penhorado com isto.

—Ao menos, exclama elle, o meu amigo não é soberbo; não vacillou em estender-me a mão.

—Não é tanto assim, replica o sr. Z.; é preciso que saiba que tomei em consideração que enquanto a sua mão estiver entre as minhas, não póde introduzir-se-me nas algibeiras!

A menina G... conversando com sua mãe, queria referir-se a uma amiga que acabava de enviuvar pela quarta vez, mas não lhe lembrava o nome.

—E' a senhora... a senhora... A mamã sabe perfeitamente... aquella que está todos os dias a casar!

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA DAR BRILHO ÀS BAISELLAS DE PRATA

Faz-se uma lixivia forte de alumen, tira-se-lhe toda a espuma e junta-se-lhe um pouco de sabão.

Os objectos de prata, esfregados com um panno humedecido n'esta mistura, ficam muito brilhantes.

O POETA E A NOIVA

ANTES

E disse o poeta á noiva:—«E' pois bem certo
Que vaes ser hoje de um rival jocundo!
Seja, para elle, a vida um ceu aberto!
E sombra, para mim, a luz do mundo!

«Se eu hoje não morrer de ciume e zelos
E resistir aos vendavaes contrarios,
Tu verás amanhã estes cabellos
Branços, da cór dos funebres sudarios!»

DEPOIS

E disse ao bardo triste a esposa rindo:
«Que vejo! escuros ainda? E em meus anceios
Por elles eu chorei um pranto infindo!»
Volve-lhe o trovador:—«Mulher, pinte-os!»

JOÃO PENHA.

A ERMIDA

O Manuel era um dodivanas, não havia meio de pregar com elle na escola régia; sujeitava-se, porém, á lição de doutrina, dada pelo sr. padre cura na igreja.

Porque?

Porque o padre fallava-lhe uma linguagem conhecida e tratava um assumpto que lhe era familiar. Desde o berço, ouvia em

volta de si murmurar orações, citar a virgem e os santos. Além d'isso, o padre sentia a necessidade de attrahir e era, por esse simples motivo, doce e sympathico.

Como homem independente e usufructuario de um bom pas-sal, tinha a cara farta e rubicunda, o sorriso largo e benevolente, a caixa do meio-grosso sempre atestada, o lenço de Alcobaca vermelho como a bandeira da Communa, desfraldado como uma terrível ameaça contra as moscas enamoradas da sua calva reluzente.

Ora o mestre escola da aldeia, não tinha nada d'isto, Esguio, amarello, chupado como um figo do Algarve, e estrabico, tinha pintado na physionomia o rancor da fome e o susto permanente do ordenado em atrazo. A sua voz cavernosa, de organismo deteriorado, echoava como um dobre funerario na aula soturna e humida.

Irritado e dyspeptico, não fazia por attrahir discipulos, porque não tinha n'isso nenhum interesse, uma vez que recebia o seu magro ordenado dos cofres publicos.

Enfatuado como o geral dos da sua classe, fallava uma linguagem que parecia barbara ás pobres creanças, visto que para ellas era tão desconhecida como o macúia.

Não se conhecia na aldeia o systema da pedagogia moderna. Os alumnos caíam de chofre, como perolas, na vinagreira litteraria do professor. Toda a vida alegre do exterior, parava á porta da penitenciaria grammatical; e pequenos campones rudes e asperos como silvado, alegres, vivos e promptos na replica e no soco cá fóra, sentiam-se impenetraveis d'estupidez, diante das definições, dos algarismos e dos caracteres, apresentados sem methodo, ensinados sem interesse, explicados sem calor demonstrativo.

Ainda d'esta vez, a igreja batia a escola, considerada como uma planta exotica e inutil pelas pessoas velhas do logar, que não sabiam ler e que, apesar d'isso, haviam chegado á idade pro-recta com todos os dentes e o cabello preto.

O padre ria-se á socapa do professor, e tinha-o, no seu foro intimo, como um refinado pedreiro livre, desde que o vira ler Renan e outros heresiarchas apontados no Index.

Um novo laço veio ainda unir mais os rapazes ao padre cura. Succedeu que o visconde da Luz, a quem pertencia a propriedade onde estava a ermida de Nossa Senhora dos Afflictos, na qual se fazia todos os annos uma festa popular, morrera, e portanto não só tinha de ir á praça a propriedade com a ermida, mas faltava para a festa annual aquelle patrono desvelado.

Desde pequeno, acostumara-se o Manuel, como todos os outros rapazes da aldeia, a brincar no arraial, como tinham feito seus paes e avós. Dizia-se que a ermida seria demolida. Porque? Fazia mal a alguém? Não seria de certo para aformosear o terreno, com um square, porque ás aldeias não chegam os embellezamentos municipaes; apenas chegam os tributos.

Era geral a anciedade, e n'este periodo de incerteza dolorosa como se Deus quizesse provar a fé dos crentes, por uma medonha noite d'inverno a ermida abateu, ficando só de pé a torre pequena e esguia com o seu alegre sino intacto.

Imagina-se facilmente a consternação profunda de todos os habitantes do logar e sobretudo do reverendo padre cura e dos seus discipulos. Reuniram-se todos e sob torrentes de chuva poderam salvar a muito custo das ruinas, as alfaias. Tudo o mais, santos, castiças, lampadas, tudo quanto era vidro, madeira ou louça, estava despedaçado.

Não se podia pensar em recorrer aos herdeiros do visconde para reconstruir a ermida, attenta a boa vontade, que elles tinham, de a pôr com dono. Não podia a junta de parochia com semelhante despeza, nem os recursos particulares dos habitantes, todos pobres, permittiam tentar qualquer cousa. Estava portanto perdida a ermida, perdida a festa tradicional e o competente arraial. Era desolador.

N'isto, o Manuel, que ia todos os dias contemplar as ruinas curvando a juvenil cabeça pela primeira vez ao peso d'uma idéa séria, procurou o padre cura e communicou-lhe um pensamento audacioso.

Ouviu-o o padre com assombro e disse-lhe, fitando-o profundamente:

—Meu filho! Deus hade ajudar-te se trabalhares. Com esse genio, virás a ser um homem poderosamente rico.

E abraçou-o commovido.

O pensamento do rapaz era, nem mais nem menos, este: embarcar immediatamente para o Brazil, trabalhar como um negro, e sendo auxiliado pela fortuna, enviar ao padre o dinheiro preciso para levantar a ermida, inpondo como condição que ella havia erguer-se no mesmo local, com as mesmas pedras, a mesma planta, aproveitando-se a torre e o sino que, por um milagre, havia escapado intacto.

Communicou o Manuel o seu pensamento a mais alguns rapazes.

—Nós sempre temos, mais tarde ou mais cedo, disse elle, de embarcar para o Brazil. E' sina de nós todos. Ora o que hade ser amanhã, seja já hoje. E assim, vamos protegidos por Nossa Senhora, para a qual vamos trabalhar. Ella hade ajudar a gente. E quem sabe? Talvez voltemos ricos...

A esta palavra magica—ricos, o talisman que arrasta para toda

a parte um açoriano, todos os companheiros do Manuel alargaram a bocca, n'um sorriso de voluptuosa esperança, e instinctivamente metteram as mãos nas algibeiras, como se sentissem já o peso do dinheiro. Decidida a partida, embarcaram clandestinamente, por isso que de todos elles, apenas o mais novo, o Manuel, tinha 14 annos.

Uma vez no Rio de Janeiro, os cinco atiraram-se ao trabalho como damnados. Foram todos como marçanos para loja de seccos e molhados. Cama e mesa e 60\$000 réis cada um no fim do primeiro anno de aprendizagem. Economicos até ao assombro, já-mais gastavam um centil, e no fim do anno, firmes na mesma idéa, enviavam a totalidade dos seus primeiros ordenados, 300\$000 réis, ao cura. Este depositou-os n'um banco e informou que havia uma demanda entre os herdeiros, que parecia mesmo obra do ceu, e portanto que a venda da ermida não corria perigo.

No segundo anno os rapazes, já mais peritos no commercio, viram elevados os seus ordenados a 200\$000 réis cada um; mas em vez de mandarem esse dinheiro para Portugal, resolveram estabelecer-se todos cinco de sociedade, dando à sua loja o nome pittoresco de «Loja de Nossa Senhora dos Afflictos.»

Como tinham credito, por serem bons rapazes e trabalhadores, como não tinham caixeiros a quem pagassem e como havia o capital de 800\$000 réis, prosperaram.

seu desejo e o seu fim, queria voltar para a sua aldeia, na convivencia singella dos seus amigos e familia, e do seu amor religioso aos santos da localidade.

Já não pensavam assim os seus companheiros. Tinham-n'o seguido ao Rio, por ambição, e porque a ida para um paiz desconhecido parece menos aventureira quando temos com quem compartilhar os perigos. Por isso foram promptos a unir-se ao Manuel. Esta predisposição de espirito dos 5 socios, explica o facto do Manuel vender a sua parte no estabelecimento aos outros 4 e sair para a Europa. Antes porém de embarcar, comprou um bilhete da grande lateria do Brazil, sem dar n'elle sociedade aos seus ex-socios, como costumava. Andou a roda e saíram-lhe 240 contos.

Foi tido este acontecimento por um milagre feito por Nossa Senhora dos Afflictos em favor do seu fiel devoto, e o Manuel embarcou radiante. Aportou à ilha. Correu por toda a parte a fama da sua riqueza e o heroico feito de gastar 66 contos em construir uma ermida sertaneja.

Demorou-se na cidade 60 dias, a collocar a sua fortuna, e ao cabo d'este tempo marcou finalmente o dia para fazer a sua entrada triumphal na aldeia. Quando chegou esse dia memoravel, despovoaram-se as aldeias proximas, por isso que havia grande arraial e festa na ermida.

Veio o padre cura esperal-o ao caminho, cercado de muitos do povo. Subiram ao ar innumeras girandolas e uma phylarmonica tocou um hymno dedicado a elle.

Apenas as ultimas notas do hymno se tinham evolado no espaço, rompeu por entre a multidão uma figura sinistra, parecendo ter sido arrancada d'entre os manes dos quadrilheiros do Santo Officio, e chegando junto do Manuel, poz-lhe a mão no hombro e com voz retumbante, exclamou:

— Está preso!

Era o professor de instrucção primaria, ainda mais livido de fome do que do costume, que o havia denunciado como refractario do exercito e pedido o mandado de captura para o humilhar e vingar-se, d'elle ter desprezado o seu methodo cabalístico d'ensino.

Imagina-se facilmente a confusão e o desgosto que causou no publico um tal incidente; mas ainda a surpresa não devia ficar aqui. Um correio, a cavallo, atravessando por entre as ondas de curiosos, chegou junto do Manuel e entregou-lhe um enorme officio com a nota de urgente.

Era um officio do governador civil, participando-lhe que elrei lhe tinha feito mercê do titulo de barão de Nossa Senhora dos Afflictos, querendo assim galardoar a generosidade com que tinha subsidiado importantes melhoramentos publicos.

Estava-se no periodo de eleições e o governador queria segurar, para o lado do governo, este brasileiro e os votos de que elle necessariamente teria de dispor.

A primeira idéa do Manuel, quando se viu apertado no dilemma de ser barão à força, ou de ser preso como refractario, foi fugir novamente para o Brazil; mas conteve-o um gesto do cura. O digno sacerdote, que tinha medido bem o alcance do officio do governador, collocou-se diante do professor e fulminando-o com um olhar d'alta eschola, exclamou com a maior imponencia:

— Vá dizer a quem o mandou cá, que s. ex.^a o sr. barão de Nossa Senhora dos Afflictos nada tem de commum com o Manuel que procuram.

E voltando-lhe as costas e enfiando o braço no do barão, puzeram-se todos em marcha para a ermida, no meio d'um concerto d'acclamações.

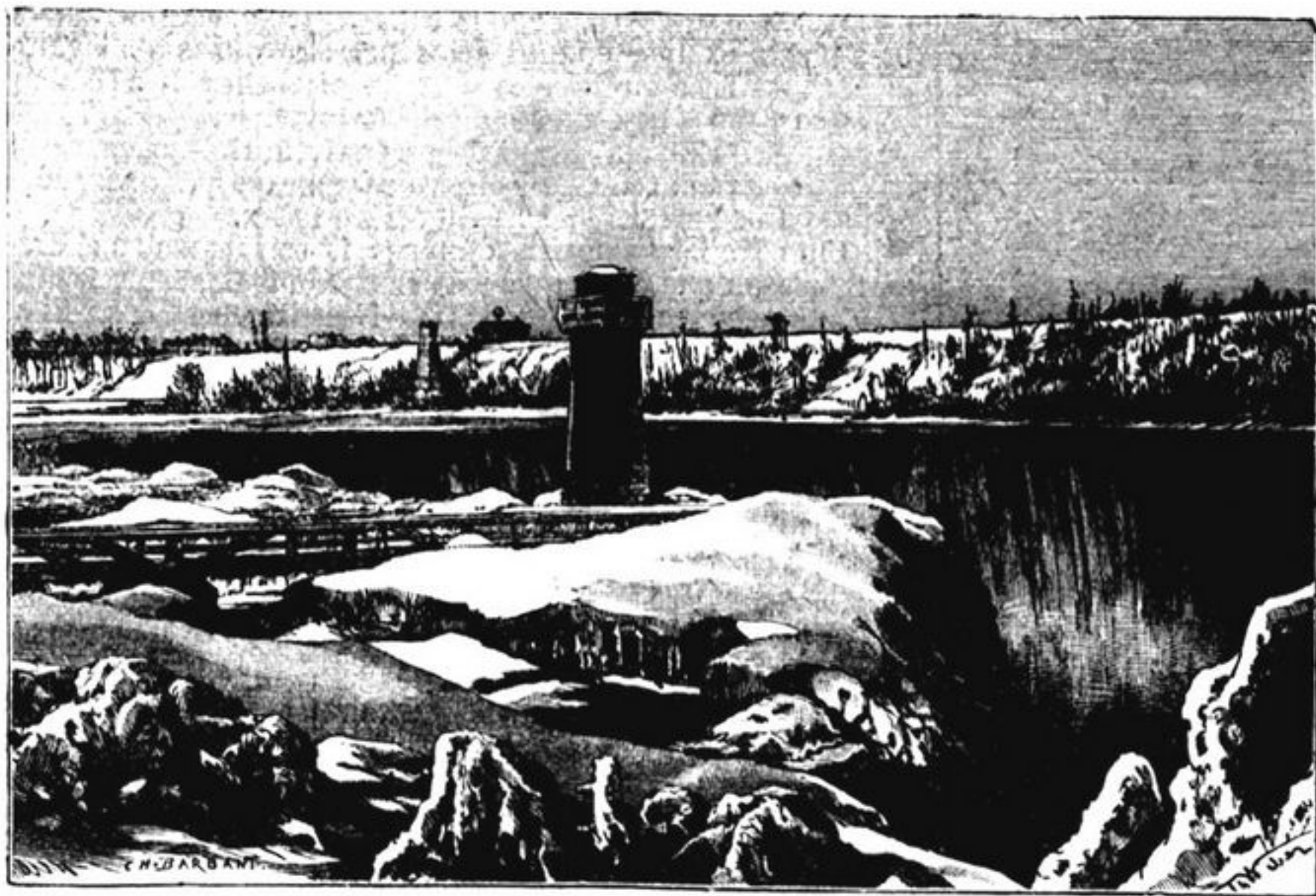
O sinistro professor, perfeitamente corrido, afastou-se raivoso, devorando o seu fiasco. Um mez depois, era suspenso e fechada a aula por falta d'alumnos, o que se attribuia ao seu desleixo.

Era o padre e o barão a vingarem-se pela sua vez.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração — Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O NIAGARA

A Ilha das Cabras

Deu brado o nome exotico da loja, houve queixas ao bispo da parte dos carolas fluminenses, mas os cinco ilheus declararam nobremente, pela imprensa, que a «Senhora dos Afflictos» era portugueza e nada tinha que ver, absolutamente nada, com qualquer Senhora dos Afflictos brasileira. Sobretudo aquelle — qualquer, era esmagador.

O enorme reclamo que este facto produziu, redundou em augmento de freguezia, a tal ponto, que o estabelecimento fez lucros fabulosos. Viram n'isto os jovens negociantes não o dedo de Deus, mas o olhar benevolente da virgem. E tendo-se, por este tempo, liquidado a demanda e indo as ruinas da ermida à praça, recebeu o padre cura ordem de as arrematar fosse porque preço fosse.

O diabo, que sempre se mette n'estas cousas de igreja, mais do que se pensa (e haja recordação do que esse mariola bicorne praticou na cathedral de Colonia) encarnou-se na pelle de um procurador, o qual, conhecendo o motivo secreto que levava o padre cura a arrematar as ruinas da ermida, fez com que ellas subissem á fabulosa quantia de 60 contos,

Reedificada a capella, foi um dia de delirio quando o sino repicou, fendendo os ares com as suas notas alegres e triumphantes, a tocar á missa cantada, no dia da benção.

Dos cinco rapazes, só o Manuel não estava satisfeito no Rio. Sentia a nostalgia da patria. Tinha sido o primeiro da idéa de ir para o Brazil, mas por abnegação, não por ambição. Satisfeito o